

Erótica dissidente: A violência e a (re)invenção do corpo e do gênero entres as travestis**Dissident erotics: Violence and the (re) invention of the body and gender among transvestites**

DOI:10.34117/ bjdv6n7-378

Recebimento dos originais: 15/06/2020

Aceitação para publicação: 15/07/2020

Aparecido Francisco do Reis

Sociólogo, Doutor em Serviço Social pela UNESP/Franca

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Endereço: Cidade Universitária s/n. 79080110. Campo Grande –MS.

E-mail: aparecido.reis@ufms.br

Carlos Eduardo Reis da Silva

Aluno de Iniciação científica CNPq/UFMS

Endereço: Cidade Universitária s/n. 79080110. Campo Grande – MS.

E-mail: eddiereis.03@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se, por meio deste estudo, analisar como garotas de programa travestis e transexuais na cidade de Campo Grande - MS vivenciam suas sexualidades e afetividades, utilizando-se de entrevistas, bate-papos informais, redes sociais e observação de campo. A partir de estudos de cunho etnográfico buscamos as participantes das entrevistas na ATMS - Associação de Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul e nos pontos de prostituição na região central da cidade. Concluiu-se que elementos como erotismo e a feminilidade são aspectos fundamentais na construção da identidade travesti e transexual. Também focamos nas experiências afetivas e sexuais no contexto de prostituição, além de destacar como o binarismo masculino e feminino resiste nas narrativas de condutas sexuais e performances de gênero desses sujeitos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Prostituição.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze how transvestite and transsexual call girls in the city of Campo Grande - MS experience their sexuality and affection, using interviews, informal chats, social networks and field observation. From studies of an ethnographic nature, we sought interview participants at ATMS - Association of Transvestites and Transsexuals of Mato Grosso do Sul and at prostitution points in the central region of the city. It was concluded that elements such as eroticism and femininity are fundamental aspects in the construction of transvestite and transsexual identity. We also focus on affective and sexual experiences in the context of prostitution, in addition to highlighting how male and female binarism resists in the narratives of sexual conduct and gender performances of these subjects.

Keywords: Gender, Sexuality, Prostitution.

1 INTRODUÇÃO

A partir de um ponto de vista das ciências sociais e psicologia, o gênero pode ser entendido como aquilo que diferencia socialmente os sexos **biológicos**. Os gêneros masculino e feminino são padrões histórica e culturalmente atribuídos a homens e mulheres, assim como um papel na sociedade que determina qual identidade uma pessoa adota. Assim sendo, gênero é um papel social, pode ser construído e desconstruído. Portanto, identidade de gênero é o modo como determinado sujeito social se identifica na sociedade, baseando-se no papel social do gênero, no sentimento individual dos sujeitos, não está relacionado com fatores biológicos, mas certamente com o modo como o indivíduo se autodeclara enquanto pertencente a um determinado gênero (masculino, feminino ou aos dois)

O processo de construção/reconstrução de gênero é importante para a identidade travesti e transexual pois, essas identidades ao transitar entre o binarismo masculino e feminino se afastam da heteronormatividade, ressignificando um ideal de afetividade, sexualidade e corporeidade.

De acordo com Foucault (1987) o corpo precisava ser comportado, ser preciso e ter ritmo. Os gestos são fabricados e os sentimentos produzidos. O adestramento do corpo é resultado da aplicação de técnicas positivas de sujeição baseadas em saberes médicos, sociológicos e físicos. O corpo torna-se útil e eficiente, mais ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso, sendo então instrumento e objeto de poder.

Segundo Bourdieu (2002), os gêneros são mais que simples papéis sociais que representam vontades. Os desejos são inscritos também no corpo e universo, inclusive, das garotas de programa travestis e transexuais, sendo essas construções sempre influenciadas pela cultura. Para Scott (1989), o gênero é constituído por relações sociais baseado nas diferenças entre o masculino e feminino, modelo de relações desiguais de poder.

Esses autores apresentam como gênero pode ser pensado sob uma outra lógica que não a "tradicional", que associa gênero ao sexo biológico. Assim, esse presente texto tem por objetivo compreender como travestis e transexuais de Campo Grande - MS por meio da corporeidade vivenciam sua sexualidade numa sociedade disciplinada por discursos heteronormativos. Assim, trará análises de dados acerca das questões que envolvem a transexualidade e a travestilidade.

2 METODOLOGIA

Neste artigo, entende-se pesquisa como um processo no qual o pesquisador tem uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e

permanente, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta uma carga histórica e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 1994, p.23).

Assim sendo, a referente pesquisa seguiu para efeito de organização os seguintes passos:

- a) **Leitura exploratória:** Neste primeiro momento, se fez um levantamento da literatura sobre a temática da pesquisa, assim como uma leitura rápida cujo objetivo foi verificar e adquirir conhecimento sobre o tema, domínio da terminologia e habilidade no manuseio das publicações científicas. Foi o momento de leitura dos sumários e de contato das obras de Michel Foucault, Joan Scoth, Berenice Bento e outros autores aqui referenciados ou não.
- b) **Leitura seletiva:** procurou determinar o material que de fato interessou, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa. Momento de seleção das informações e/ou dados pertinentes e relevantes, quando são identificadas e descartadas as informações e/ou dados secundários.
- c) **Pesquisa de campo:** A pesquisa de campo foi realizada com as interlocutoras por meio de observação das áreas, nas quais as travestis fazem ponto. Ponto deve ser entendido como as ruas onde as travestis e transexuais esperam os clientes. Esses locais estão descritos abaixo, mas a princípio, são algumas ruas de Campo Grande, na região central, compreendendo as ruas Quatorze (14) de Julho, Quinze (15) de Novembro, rua do Padre, rua Sete (7) de Setembro e por fim, a Avenida Calógeras. Existe ainda pontos de prostituição das travestis na região das ruas próximas aos Terminais de ônibus urbano Morenã e Aero Rancho, nas Avenidas Bandeirantes e Mascarenhas de Moraes. Estes últimos pontos estão situados em regiões mais afastadas do centro da cidade. Também se considerou como campo de pesquisa, a amostra de imagens públicas de travestis e transexuais de programas obtidas na rede social *facebook*¹. Embora as fotos utilizadas retiradas dos perfis no *facebook*, sejam públicas, os rostos dessas informantes de pesquisa foram borrados com a finalidade de manter o anonimato. As entrevistas realizadas pessoalmente foram gravadas e transcritas, nas quais obteve-se a autorização do uso de partes das falas por meio Termo de Livre Consentimento.
- d) **Entrevistas em profundidade:** As entrevistas em profundidade foram tomadas como depoimentos. As entrevistas em profundidade são aquelas que apresentam uma maior flexibilidade, permitindo ao entrevistado construir suas respostas sem ficar preso a um nível mais rigoroso de diretividade e mediação por parte do entrevistador, como acontece no caso do uso de questionário ou de uma entrevista totalmente estruturada (OLIVEIRA; MARTINS; VASCONCELOS, 1, 2012).

¹ facebook.com

frequentado por várias travestis que chegam logo no início da noite, por volta das 19 horas. Neste local, elas conversam e se exibem para os potenciais clientes, fazendo gestos com as mãos, mandando beijos, dançando ou ainda, se o carro passa bem devagar, elas oferecem os seus serviços sexuais. Expressões comuns mais ouvidas são, *oi amor, uma chupetinha? Oi delicia, uma boquete, uma completa?* Todas são extremamente produzidas com maquiagens bem elaboradas e roupas que procuram valorizar o corpo, afinal, o corpo e o primeiro atrativo a ser exibido para seduzir os homens que passam pela rua.

No início da noite, os carros costumam passar na velocidade normal do movimento diário da rua, determinado pelo ritmo do comércio e dos escritórios dos prédios que estão encerrando o expediente e fechando as portas. Esse ritmo muda ao longo da noite e observa-se que em torno das 22 horas, a rua está com menos movimento, e vários motoristas começam a diminuir a velocidade do automóvel quando se aproxima do ponto

Ao longo da noite, observa-se que varias delas são abordadas pelos potenciais clientes. Em razão da distância e com a finalidade de não atrapalhar a aproximação dos clientes, que querem sempre ficar incógnitos, observa-se que os clientes costumam apenas chamar uma delas apontando com o dedo a preferida, rapidamente ela se aproxima e começa o dialogo com o cliente e a negociação do preço do programa e dos serviços prestados desde o “boquete” (sexo oral), do serviço mais em conta ao serviço completo, que inclui sexo oral e penetração, ou ainda beijo na boca.

A tabela de preços é estabelecida livremente, mas algumas variáveis interferem tais como, o modelo do carro, idade do cliente, tipo de serviço sexual a ser feito e a fidelidade. Se a negociação for bem sucedida, a travesti entra no carro e vão a algum lugar da cidade como motéis, casa do cliente ou ainda lugares mais isolados como ruas escuras ou nas rodovias que cortam a cidade. Observou-se ainda, que alguns carros trafegam em baixa velocidade observando cada travesti em diferentes pontos das ruas descritas, as vezes param, chamam, conversam e não concretizam o programa.

Ainda observa-se que as travestis sempre voltam para o local de onde saíram para fazer o programa com o cliente. Na narrativa das travestis entrevistadas, isso é feito principalmente para garantir a segurança das mesmas. Normalmente, boa parte dos clientes são conhecidos de muitas delas, já que ao longo do tempo, frequentam o local e utilizam esse tipo de serviço sexual. Segundo as entrevistadas, essa troca de informação sobre os clientes é importante para estabelecer preços, tipos de serviços e também a segurança. Todas as entrevistadas que fazem ou fizeram programas narraram que passaram por situações de violência.

“O cara me pegou perto da Praça Ari Coelho, era um homem jovem, mas eu não o conhecia de outros programas e não sabia se as outras meninas também já saído com ele. Ele tinha uma camionete, não sei dizer qual era a marca, tem muito cliente de camionete, homens mais velhos, fazendeiros, mas tem também os *plaboy*s. Esses, às vezes quando estavam com outros caras ou mesmo mulheres, passavam pela rua mexendo e ofendendo as travestis. Outras vezes, quando vinham sozinhos, era mesmo prá pegar travesti para fazer programa, a maioria deles era de boa. São preconceituosos, mas não fazem violência. A gente faz o serviço ali, o sexo e depois paga sem fazer confusão. Mas esse me elevou prá sexo na rodovia, eu não gostava de ir pra rodovia, eu gostava de ir pro motel e tinha um motel que eu conhecia as atendentes e já deixava avisado “olha se acontecer alguma coisa, já sabem, eu vou gritar”. Motel é mais seguro, mas as vezes, tem que ir onde o cliente quer ir mesmo é na rua escura ou em rodovia, a gente ia né, por causa do aquê (dinheiro). A gente chegou num lugar lá da rodovia, ele parou o carro e quando eu fui começar a passar a mão nele, ele segurou meu braço, e forçou querendo me controlar, dizendo que ia me matar, eu reagi, sou grandona e tenho força começamos a lutar, ele pegou uma arma, revólver pra tirar em mim, eu segurava o braço dele, desviava a arma de mim, lutamos um tempão, até que consegui derrubar o revólver, peguei o revólver e comecei a bater na cabeça dele com a arma, ele sangrou eu fiquei toda melada de sangue. Ele desmaiou de tanto que eu dei na cara dele. Quando vi que tava desmaiado, sai do carro toda ensanguentada, mas abri a carteira e peguei o dinheiro do programa, joguei o revólver no mato pra ele não achar e vim atrás de mim. Sai um andando pela rodovia toda suja de sangue, até que um homem passou, parou e me deu carona e trouxe de volta prá cidade. Me levou prá casa dele, me deu umas roupas dele pra eu usar e ainda fiz programa com ele e ele me pagou. É vida louca, difícil e a gente fica vulnerável à violência de certos clientes, mas na maioria das vezes, os clientes são bons”. (Cher – 39 anos)

Cher fez essa narrativa, entre outros assuntos abordados, não faz mais programas, hoje faz um trabalho de liderança política com as travestis e demais LGBTQs. Fez programas quando era mais jovem nos anos 90 e no começo dos anos 2000. Nessa época narra que a violência mais comum não vinha dos clientes, embora acontecesse esses casos como ela narrou, mas o medo maior que existia dizia respeito a cafetinagem, a exploração sexual feita por outras travestis mais velhas que se consideravam donas dos pontos de prostituição; da polícia, pois tinha viatura da polícia que pegava as travestis levava para as rodovias e praticavam violência, humilhando, torturando e às vezes, deixavam as travestis nuas em plena rodovia, somente por prazer. Ela narra:

“Tinha noite que a gente tava na rua, de repente a gente via o taxi com a cafetina que vinha cobrar o pedágio, a gente saía correndo prum lado e dava de cara com uma viatura da polícia. Hoje com a organização das travestis na associação e com a pressão que a gente faz, isso já não existe mais desse jeito”.

Donna Summer tem 31 anos já fez programas em Campo Grande e em São Paulo. Começou a se prostituir aos 26 anos, pois ela mesmo diz que boa parte de sua vida foi apenas um menino gay, se tornando travesti apenas com 21 anos de idade. Trabalhava normalmente, não enfrentou problemas na família, então não precisou fazer programas desde cedo, mas descobriu que isso seria uma boa fonte de renda, e fala que de fato foi, mas é cansativo e atualmente é funcionária de uma ONG (Organização Não-Governamental). Fala que presenciou situações de violência de outras

travestis. Disse que sofreu violência apenas uma vez, de um cliente que chegou no ponto, pediu para ela entrar no carro e já começou a agredi-la ali mesmo na rua. Mas acabou conseguindo escapar. Para ela, foi tudo muito inusitado porque o cliente era conhecido de outras garotas da rua e nunca tinha sido violento, chegou mesmo a pensar que talvez, a agressão tenha sido motivada por alguma travesti que não gostava dela, que poderia tê-lo mandando ali para se vingar, mas disse que não tinha nenhuma inimiga no meio das travestis e descartou essa possibilidade.

Maddona tem 34 anos e é transexual (mulher trans), faz programas, mas nunca na rua, tem perfil em redes sociais e anuncia em páginas da *internet* ou em jornais da cidade. Assim diz que consegue arrumar sua clientela sem se expor nas ruas, consideradas por ela como local perigoso. Ela diz que a maior violência sofrida não veio de clientes, polícia ou de cafetinas. Mas sobretudo, do seu grupo familiar. Narra que seu irmão tentou mata-la quando se assumiu transexual, tentado esgana-la e sua mãe não fez nada para defendê-la. No seu grupo familiar, é considerada pela irmã e irmão como uma aberração.

Cindy nunca fez programas, mas diz que as situações de violência são comuns na sua condição. Ela também se identifica como transexual (mulher trans). Se sente sexualmente e afetivamente atraída por mulheres homossexuais (lésbicas) e tenta fazer trabalhos comuns para sobreviver sem depender da família ou de programas. Gosta de cinema e de fotografia, mas acha muito difícil arranjar trabalho em Campo Grande. Teve muito problemas com a justiça desde a adolescência quando abandonou a escola onde estudava, em razão do uso do banheiro feminino. Não apenas professores e a direção da escola lhe criaram obstáculos, a Promotoria da Juventude também lhe deu um parecer desfavorável, dizendo que isso ofenderia as demais crianças e adolescentes. No fim, a solução encontrada foi o uso do banheiro dos professores, mas disse que sentia muito constrangida em fazer isso, então, achou que a saída seria mesmo o abandono dos estudos.

Narra que o preconceito com travestis e transexuais é muito frequente e diz que costuma enfrentar isso de cabeça erguida:

“ Hoje mesmo estava andando de ônibus e uma mulher começou a ofender uma travesti, demonstrando preconceito porque estava humilhando. Eu fui lá e comecei a falar com ela que isso era homofobia, preconceito e que ela não tinha nada a ver com a vida da travesti. Ela falava que a travesti tinha que tomar vergonha na cara e virar homem. Ficar tentando ser mulher, uma coisa que não é. A travesti ouviu tudo isso calada, eu já não aguentei e disse muitas coisas prá essa mulher”.

Sobre essa questão da identidade de gênero de travestis e transexuais deve ser pensada como não pertencentes as categorias de análise do senso comum ou mesmo de certas correntes da ciência moderna.

Transexuais são mulheres trans e assim como as travestis, são nascidas num corpo de homem, criadas como homens. Tanto um segmento, quanto outro fazem todo um percurso de desconstrução do corpo e do gênero que lhes são atribuídos para reinventá-los sob a perspectiva de um corpo de mulher idealizado e erótico para ser desejável, sobretudo entre aquelas que são profissionais do sexo. Mas as semelhanças na trajetória de vida de transexuais e travestis se encruzam enquanto processo de construção da identidade nesse ponto, mantem certas intersecções, principalmente em relação a prostituição e na luta pelo reconhecimento,

A transexualidade deve ser considerada um fenômeno complexo. Em linhas gerais, caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico, sem a manifestação de distúrbios delirantes e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou qualquer outra anomalia endócrina) (CASTEL, 2001, p.77). Pode-se dizer que a fundamentação deste fenômeno na atualidade está baseada em dois dispositivos distintos. O primeiro diz respeito ao avanço da biomedicina na segunda metade do século passado — principalmente no que se refere ao aprimoramento das técnicas cirúrgicas e ao progresso da terapia hormonal — que faz do desejo de "adequação" sexual uma possibilidade concreta. O segundo concerne à forte influência da sexualidade na construção da noção de identidade de gênero como sendo uma "construção sociocultural", independente do *sexo* natural ou biológico.

A informante Maddona se identifica como mulher trans e diz que sempre se viu assim desde a infância:

“Eu sempre soube que era mulher, embora eu tivesse um corpo de homem. Mas gostava de ser menina. Mas não podia, em casa eu não podia ser menina, tinha que ser homem, apanhei muito em casa por tentar ser mulher, até da minha vó. Vivi a minha inteira assim, sendo homem, mas nunca fui travesti e nem gay. Nunca tive essa vontade e eu não me sentia gay. As travestis já se comportaram como gay, eu não queria isso. Tanto é que eu só fui me relacionar com homens depois dos 31 anos de idade. Porque eu não queria que os homens achavam que eu gay, homossexual. Eu sou mulher e queria que eles me vissem como mulher. Então só vim me relacionar com homens agora recentemente, porque pude assumir que sou mulher. Antes eu me relacionava com mulheres, namorava e fazia sexo com mulheres, ainda faço sexo com mulheres na verdade eu me considero pansexual: gosto de homens, mulheres e também com travestis, ser pansexual não significa transar com mundo, plantas ou animais. Isso é mito, não é assim que funciona pra quem é pansexual. Quando falo que sou pansexual as pessoas acho isso, que um dia foi falado por aquele cantor, o Serguei”.

Ela diz que sua identidade de gênero é binária, já que se identifica como mulher e quer ser reconhecida tanto pela ciência e pela sociedade como mulher. Questiona as razões da transexualidade ainda ser considerada um transtorno de gênero ou disforia de gênero, que é uma forma de patologizar a transexualidade.

“Não somos doentes. Por que precisamos de laudo médico e psicológico para poder fazer o processo transexualizador. Não tenho estudos científicos de universidade, mas leio muito já participei e sou militante do movimento transexual e fui numa reunião do Conselho Regional de Psicologia aqui em Campo Grande para discutir isso e perguntei para a psicóloga presidente do conselho, se ela precisou de laudo médico para provar que não é transexual. Só nós temos que provar isso. A nossa palavra não basta”.

Segundo Maddona, a psicóloga e todo conselho não soube o que dizer, apenas responderam que isso era uma decisão da ciência médica. Ela ainda não faz tratamentos com hormônios, apesar desse procedimento realizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em Campo Grande, mas diz que é um procedimento muito longo e preferia fazer com médicos particulares, mas não tem dinheiro para arcar com os custos.

Já travestilidade pode ser entendida como um processo de construção do feminino (ou hiperfeminino). As travestis não querem ser mulher e nem homens. Recusam o binarismo de gênero, embora tenham nascido num corpo masculino.

“Eu não tenho nenhum problema com meu pinto e não quero tira-lo. Tomo hormônios para ter menos pelos, já retirei a barba com laser. Quero parecer feminina, mas não tenho nenhum desejo de ser mulher. Inclusive, quando eu fazia programa o que eu mais usava era o pinto, a maioria dos clientes é passiva. As mariconas (homens velhos) gostam de dar, então sem o pinto a gente não arruma cliente”. (Cher).

Também no depoimento de Donna Summer, ela se identifica como travesti e que não pretende mudar isso. Gosta de sentir assim e que descobriu que queria ser travesti quando conheceu outras como ela, quando ainda era adolescente. Mas a coragem de se vestir de mulher, colocar seios, deixar o cabelo crescer, usar maquiagem e ter um corpo feminino somente veio ocorrer quando já adulta.

Nascidas num corpo de homem, criadas como homens. As travestis fazem todo um percurso de desconstrução do corpo e do gênero que lhes são atribuídos para reinventá-los sob a perspectiva de um corpo de mulher idealizado e erótico para ser desejável. Pelúcio (2007) entende que a travestilidade também está ligado à vida urbana, à noite, à rua, à boemia e ao mercado do sexo onde a cidade grande torna-se mais acolhedora em oposição à rejeição sofrida nas relações familiares e à violência no espaço doméstico. Nesse contexto, o corpo assume centralidade na experiência, na medida em que as travestis buscam materializar um gênero por meio da transformação do corpo. De acordo com Bento (2003), o gênero ganha materialidade por meio das roupas, gestos, olhares e toda

uma estilística corporal e estética específica. São esses elementos que dão visibilidade ao corpo, estrutura basicamente flexível e instável, que, na repetição dos gestos, olhares e escolha da indumentária materializa o gênero. O gênero, então, atua a partir da dissimulação da repetição das normas que o constituem em sua materialidade e pela inculcação da crença de sua determinação pela natureza.

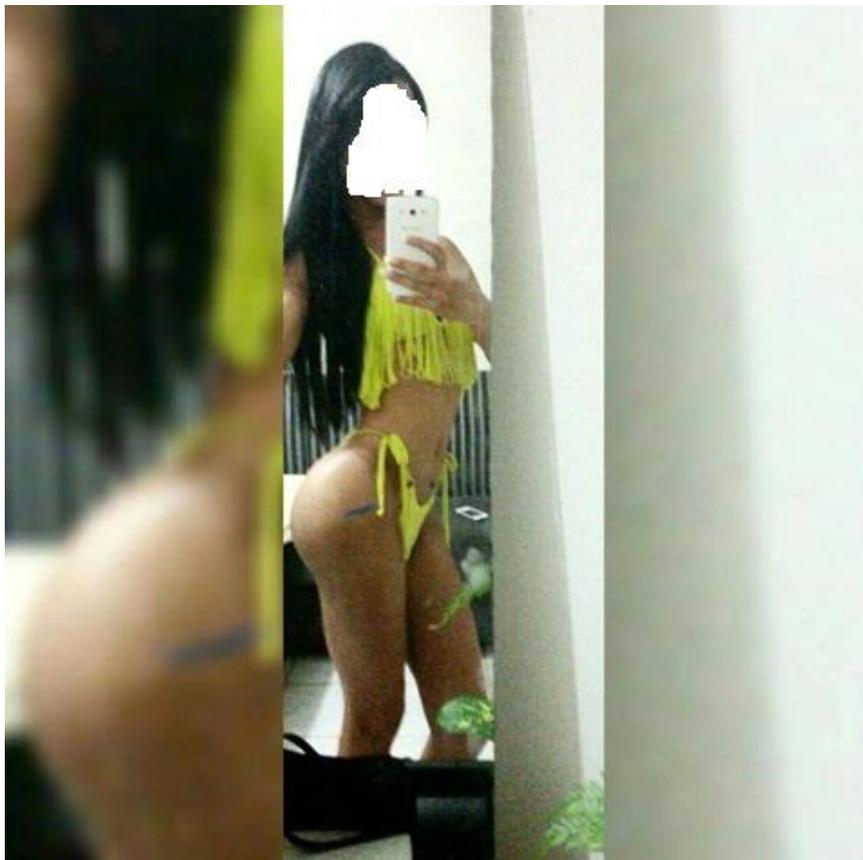
Maluf (2002) situa o palco como o lugar em que a travesti apresenta o resultado de sua transformação e, muitas vezes, da fabricação de seu corpo. A transformação do corpo e sua apresentação evidenciam a falácia da oposição entre natureza e antinatureza e entre falso e verdadeiro.

Além da rua ser um palco em que travestis e mulheres trans mostram seus corpos, sensualidade e erotismo, atualmente, as redes sociais como facebook é um espaço virtual de exibição do erotismo e do hiperfemino. Muitas a usam para conquistar clientes ou ainda para combinar o programa.

No *facebook* muitas fotos de mulheres trans e travestis podem ser vistas em pose erótica e valorizando certas partes do corpo como o glúteo (bunda), seios e boca. São atrativos eróticos e produzem o desejo nos potenciais usuários dos serviços sexuais.

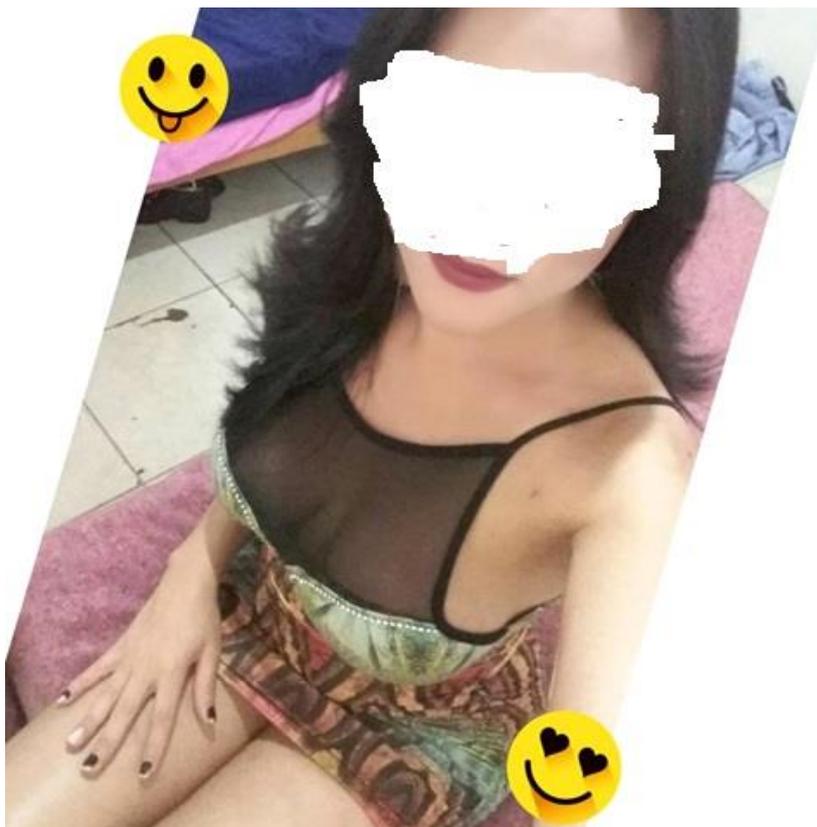
Por meio das fotos expostas nos perfis, que são públicos, se pode observa-se que, assim como nos pontos de prostituição, elas vivenciam a sua sexualidade por meio da corporeidade. As fotos, na maioria das vezes, são sempre em posições provocantes, hipersexualizadas, com partes do corpo a mostra, reforçando um ideal de corpo feminino.

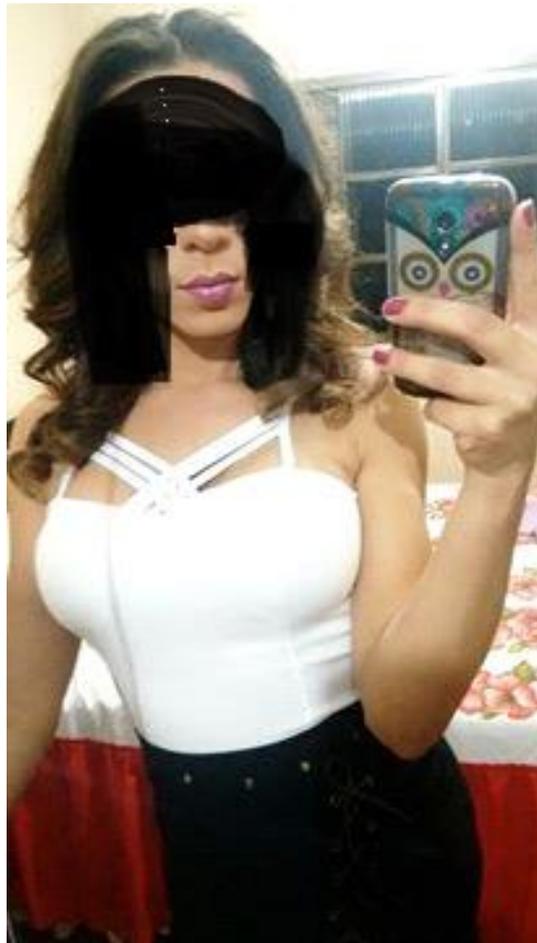




Segundo Maddona, é preciso entender que a feminilidade é parte do processo de construção da identidade de gênero.

“A feminilidade é uma questão importante na construção da identidade transexual como é para uma mulher cisgênero, que diz: " (...) Sim, do ego com certeza, tanto pra mulher cis quanto pra mulher trans. No caso da mulher trans é uma questão de ser passável, de sofrer menos preconceito, mas também é pela questão de ego, do desejo, de se sentir desejada, porque isso (ser desejada) é uma arma feminina. Cleopatra já fazia isso muito bem. A questão da sedução feminina é usada há muito tempo atrás. É um poder!".





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de concluir este texto, tanto nos pontos de prostituição como na *internet*, nas redes sociais, as travestis e transexuais vivenciam a todo momento sua sexualidade por meio da corporeidade. O erotismo e a feminilidade estão presentes na forma como esses sujeitos constroem seus corpos, como se vestem, como se comportam numa sociedade que regula como se deve agir. A feminilidade é um ideal que travestis e transexuais perseguem, mas também é um elemento que contribui para ser passável, evitando então possíveis ataques, ofensas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002

CASTEL, P. **La métamorphose impensable. Essai sur le transsexualisme et l'identité personnelle**. Paris: Galimard, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. In: **Labrys estudos feministas**, 4. Agosto/dezembro de 2003. Acessado em 27 de abril de 2014, de <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.html>.

PELÚCIO, Larissa. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista Antropológicas**, 15(1), 2004. Acessado em 26 de abril de 2015, de [http://www.ufpe.br/revistaantropologicas/internas/volume15\(1\)/Artigo%205.pdf](http://www.ufpe.br/revistaantropologicas/internas/volume15(1)/Artigo%205.pdf).

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Estudos Feministas**, 10(1), 2002. Acessado em 26 de abril de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11633.pdf>.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. OLIVEIRA; Verônica Macário; MARTINS, Maria de Fátima; Ana Cecília Feitosa. Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas. **Anais do SIMPOI 2012**. Acessado em 27 de abril de 2015 em http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. Tradução : Cristiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1987